

## Planejamento da agricultura urbana no desenvolvimento suburbano no Canadá

Gerda R. Wekerle – [gwekerle@youku.ca](mailto:gwekerle@youku.ca)

Professora, Faculdade de Estudos Ambientais

Universidade de York, Canadá

Foto 1: Vincenzo Pietropaolo - Sarah Kerr, co-fundadora do Horto de Amigos

Foto 2: Vincenzo Pietropaolo - hortelã chinesa cultivando cabaças grandes

Um



*exame dos planos de desenvolvimento suburbano e dos documentos oficiais revela que, nas cidades da América do Norte, a agricultura urbana não está prevista dentro do planejamento do desenvolvimento urbano.*

*Enquanto os promotores da agricultura urbana buscam terrenos para a produção alimentar em remanescentes de terra e espaços baldios no centro das áreas construídas, muitas vezes eles ignoram o potencial de incluir, desde o início, espaços para a produção alimentar nos futuros assentamentos.*

A área da Grande Toronto (AGT) é a região metropolitana de mais rápido crescimento no Canadá, com um aumento de 100.000 novos habitantes por ano. Entre 1976 e 1996, a AGT perdeu 62.000 ha de terras agrícolas, junto com outros 40.000 ha que foram cedidos para projetos de urbanismo. Foi calculado que, para o ano 2006, 40% de toda terra agrícola da AGT terá sido urbanizada (Conselho de Política Alimentar de Toronto 2000).

### A diversidade étnica dos subúrbios de Toronto

Toronto é descrita freqüentemente como uma das cidades com maior diversidade étnica na América do Norte. Em 1996, 48% da população da cidade era constituída por imigrantes e um de cada cinco residentes havia chegado depois de 1991. Um número crescente desses imigrantes recentes instalou-se diretamente nos municípios suburbanos fora do núcleo da cidade, concentrando-se em certas áreas conforme suas origens. Por exemplo, em Vaughan (ao norte de Toronto), 42% dos imigrantes procedem da Itália, enquanto que em Markham, a terceira parte da população é de origem étnica chinesa.

Junto a grandes residências unifamiliares com amplos quintais (o estereótipo suburbano na América do Norte), novos projetos habitacionais são implantados com uma variedade

de tipos de moradias, desde casas unifamiliares em pequenos lotes de terreno, até casas geminadas, condomínios e edifícios multifamiliares. Esses novos tipos de residências têm um espaço exterior privado muito limitado ou não o têm de todo, carência que se repete na escassez de espaços abertos públicos.

Isso cria dúvidas se os planos de desenvolvimento consideram ambos os aspectos: o da diversidade étnica dos moradores e suas tradições na produção de alimentos; e o da redução dos espaços abertos tanto privados quanto públicos. Porém os planejadores municipais e os construtores privados pouco têm pensado nesses aspectos do uso da terra.

Apenas recentemente os construtores começaram a ver os bosques e as lagunas como recursos naturais ou elementos da paisagem que devem ser preservados, e não arrasados. Nas cercanias de Toronto, letreiros anunciam novos projetos de loteamento e incorporação imobiliária que utilizam imagens naturais e nomes como "bosque", "árvores" e "lago". Esses elementos da natureza contribuem com seu atrativo para a comercialização dos lançamentos imobiliários mais caros (Marsden, 2000). Porém os planos para a construção de moradias nos subúrbios da AGT não incluem espaços para hortas comunitárias ou para a agricultura urbana. Os espaços para a produção alimentar não são vistos como um incentivo ambiental que atraia mais compradores, apesar de questões sobre segurança alimentar e adulteração genética dos alimentos serem discutidas diariamente nos meios de comunicação, e do grande aumento de interesse pela horticultura orgânica, como atividade recreativa, entre os moradores urbanos.

Em um estudo recente, o autor perguntou a 30 horticultores imigrantes que vivem na AGT sobre suas histórias e práticas horticolas (1). Enquanto que os planejadores e construtores seguem considerando que as hortas suburbanas são basicamente ornamentais ou usados para fins recreativos, verificou-se na pesquisa que os horticultores imigrantes com frequência preferem plantar, em suas hortas, as espécies de verduras e ervas medicinais mais tradicionais de suas culturas.

Em alguns subúrbios de Toronto, as unidades habitacionais de tipo mais popular, concentradas em conjuntos de apartamentos, recebem os novos imigrantes que não têm acesso a espaços de terra privados para produzir seus alimentos. Em um bairro vizinho à Universidade de York, dois de meus estudantes desenvolveram uma horta comunitária em um terreno baldio pertencente a uma igreja local. Hoje, três anos depois, a Horta dos Amigos reúne 20 moradores de baixa renda, imigrantes de várias partes do mundo, que nela cultivam inúmeros vegetais, incluindo ervas da Tailândia, do México e da China. A poucas quadras de distância, a Cesta Africana de Alimentos, uma ONG que fornece alimentos afrocaribenhos a seus membros, está instalada no que parece ser, para quem a vê da rua, uma típica moradia unifamiliar suburbana. Seu quintal posterior tem cultivos intensivos desenvolvidos por um grupo de horticultores moradores nos edifícios de apartamento próximos. Eles cultivam experimentalmente produtos de origem afrocaribenha, incluindo "callaloo", batata-doce e inhame. Essa intensificação do uso de espaços abertos de baixa densidade nas áreas suburbanas, fenômeno recente em Toronto, já se vê prejudicada por projetos habitacionais como casas em pequenos lotes individuais, ou multifamiliares, e pela redução constante dos espaços abertos privados e públicos.

## Passos para incentivar a agricultura urbana e o desenvolvimento suburbano

Como primeiro passo, tanto a agricultura urbana como a horticultura comunitária precisam ser incorporadas aos planos de desenvolvimento suburbano ( 2 ), enfocando a preservação da terra agrícola de primeira qualidade para as futuras gerações na forma de granjas comunitárias ou pequenas granjas comerciais e projetos demonstrativos. No recente livro de Brian Donahue "Pedindo de volta o que nós é comum" - Reclaiming the Commons (Donahue,1999), o autor descreve uma granja comunitária no subúrbio de Massachussets que fornece lazer aos jovens e gera simultaneamente produção. Algumas autoridades fora de Londres são proprietárias de granjas gerenciadas como empresas comerciais e recebem visitas programadas de estudantes (Garnett, 2000).

Em segundo lugar, a popularidade da construção de condomínios nas cidades da América do Norte, como uma forma de posse de moradia que inclui espaços comunitários que pertencem ou são manejados pela comunidade, pode representar oportunidades para incorporar hortas e granjas comunitárias. Estabelecidos em uma zona suburbana, esses condomínios poderiam chegar a ser modelos de agricultura urbana, particularmente se for intensificado o interesse na segurança alimentar e nos produtos orgânicos.

Terceiro, os planejadores poderiam incluir a reutilização de espaços abertos nos subúrbios já existentes. Os pátios posteriores maiores podem converter-se em hortas comunitárias, oferecendo espaço para a produção de alimentos. Os terrenos baldios junto a bibliotecas e igrejas podem ser convertidos em hortas comunitárias, e os parques públicos podem ceder espaço para o cultivo de alimentos. Essas mudanças requerem uma reconsideração da paisagem urbana tradicional, onde os espaços abertos são principalmente recreativos e ornamentais e não produtivos.

Finalmente, a incorporação da agricultura urbana no desenvolvimento suburbano requer que os grupos que advogam por ela se aproximem dos planejadores, políticos e especialmente dos incorporadores imobiliários, para informá-los sobre a conveniência e a viabilidade a longo prazo de se preservarem as terras agrícolas para o cultivo de alimentos nos planos de desenvolvimento suburbano.

Os grupos que promovem a agricultura urbana e a segurança alimentar devem estender seu interesse até as



áreas não construídas e nas recentemente construídas na periferia urbana. Isso significa assumir uma perspectiva regional e envolver-se no desenvolvimento de planos regionais que contemplem padrões de crescimento e objetivos de planejamento a longo prazo.

Os grupos que defendem a agricultura urbana devem envolver-se e analisar de perto as propostas para a construção de novos projetos habitacionais suburbanos. Os cidadãos, trabalhando em colaboração com os planejadores municipais, podem destacar a conveniência de reservar terras para hortas comunitárias como uma maneira de cumprir com as necessidades de espaços abertos e preservar o patrimônio natural.

(Isso significa que os planejadores devem ampliar sua definição do que sejam espaços abertos e a preservação da natureza: não somente áreas de lazer, mas também hortas; não apenas áreas de bosques, mas também áreas cultivadas para a produção de alimentos.)

Um horticultor italiano vindo da Calábria, que emigrou para o Canadá nos anos 60, vive hoje em uma casa unifamiliar com um grande quintal. Ali ele cultiva feijão, tomate e outros vegetais para sua família. Em contraste, uma horticultora chinesa que chegou nos anos 80, vive em uma pequena casa cujo pátio mede um 1/3 do quintal do italiano citado acima. Ela cultiva ervas chinesas e cabaças grandes que armazena em seu sótão durante o inverno. Uma nova residente, procedente do Punjab, tem um pátio ainda menor, que apenas lhe permite cultivar ervas e especiarias indianas em pequenos canteiros.

## Conclusão

Nas cidades da América do Norte, inclusive Toronto, os grupos defensores da agricultura urbana e da horticultura comunitária têm se concentrado principalmente em encontrar terrenos para a produção alimentar nos bairros mais interiores das cidades. Quase não tem sido dada atenção aos novos assentamentos que são planejados na periferia, mesmo quando esses apresentam acelerado crescimento populacional pelo fato de se constituírem em áreas de recepção de novos imigrantes.

Trazer o potencial da agricultura urbana para os novos programas de desenvolvimento urbano exige visão a longo prazo – abrangendo um horizonte de 20 anos à frente – e um esforço para utilizar melhor o sistema de planejamento. É necessário trabalhar com os planejadores, os políticos, os construtores e as comunidades locais para incorporar princípios e objetivos nos planos oficiais, trazer idéias para os planos de desenvolvimento, e criar diretrizes básicas, modelos e ferramentas educativas dirigidas à população que vive nas periferias urbanas.

As construções suburbanas aumentam rapidamente, alargando os limites da urbanização. A menos que integremos a agricultura urbana e os espaços para plantios comunitários, esses novos moradores e suas famílias não terão oportunidade para cultivar seus próprios alimentos nem garantir sua segurança alimentar no futuro.

---

## Notas

1. Essa pesquisa foi apresentada integrando uma mostra denominada “Culturas que crescem”, no Museu Real de Ontário, Toronto, de maio de 2000 a janeiro de 2002, em colaboração com o fotógrafo Vincent Pietropaolo.

2. Em 1992, a cidade de Seattle aprovou uma resolução pela qual as hortas comunitárias fazem parte do planejamento geral da cidade, particularmente em áreas de densidade média e alta. Em Austin (Texas), Minneapolis (Minnesota) e Boston (Massachusetts), existem zonas reservadas para hortas comunitárias (Raja, 2000).

---

## Referências

- Donahue Brian 2000. Reclaiming the Commons: Community Farms and Forests in a New England Town. New Haven: Yale University Press.
- Garnett Tara 2000. Urban Agriculture in London: rethinking our food economy. Em: Bakker et al. (editores): Growing Cities, Growing Food (Feldafing: Deutsch Stiftung für internationale Entwicklung) pp 477-500.
- Marsden Lee 2000. Developing Environmentally Sensitive Communities. Projeto de Mestrado em Estudos Ambientais. Faculdade de Estudos Ambientais, Universidade de York, Toronto.
- Raja Samina 2000. Preserving Community Gardens in a Growing Community: a report on the Community Gardens Planning Process in Madison, Wisconsin. Documento de trabalho do Sistema Alimentar de Madison.
- Conselho de Política Alimentar de Toronto. 2000. Food Secure City. Toronto: CPSA p. 22

---

[Sumario Revista No.4](#)